

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE ECONOMIA E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

EVILLIN FERNANDA GONÇALVES ROCHA

**O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS EM
PAÍSES EMERGENTES: UMA ANÁLISE DO MERCADO CHINÊS (2009 - 2023)**

Uberlândia - MG

2024

EVILLIN FERNANDA GONÇALVES ROCHA

**O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS EM
PAÍSES EMERGENTES: UMA ANÁLISE DO MERCADO CHINÊS (2009 - 2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais, do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof (o). Laurindo Paulo
Ribeiro Tchinhama

Uberlândia - MG

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, dedico este trabalho aos meus pais, Viviane e Fernando, cuja força e amor incondicional me impulsionaram a seguir meus sonhos e a superar desafios. Vocês sempre foram meu alicerce, e a dedicação e o apoio diário que demonstraram foram fundamentais em minha jornada. Este trabalho é, acima de tudo, uma homenagem ao esforço e à dedicação que me proporcionaram. Gostaria de agradecer também à minha família, especialmente à minha tia Muara e à minha avó Ilda, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e motivação.

Agradeço ao meu professor e orientador, Laurindo Tchinhama, cuja orientação e conselhos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência e dedicação me guiaram em cada passo. Obrigado, por me ajudar a encontrar o melhor caminho.

Por fim, agradeço aos meus colegas Ana Clara e Matheus, que se tornaram grandes parceiros nesta jornada. A amizade e o companheirismo de vocês foi de suma importância para que este projeto se tornasse realidade. Foi um privilégio crescer e aprender com vocês ao longo deste percurso.

RESUMO

O presente artigo busca analisar o processo de internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês entre 2009 e 2023. Focando nas vantagens e implicações desse processo, o estudo busca investigar como a expansão para esse mercado pode proporcionar acesso a novos mercados consumidores em rápido crescimento, diversificação de operações, produtos e redução de riscos econômicos locais. A pesquisa utiliza abordagens teóricas e análises de dados quantitativos para examinar as estratégias de internacionalização adotadas pelas empresas brasileiras e os benefícios obtidos. A análise considera fatores econômicos, políticos e culturais, contribuindo para a compreensão das dinâmicas da internacionalização e da cooperação Sul-Sul (CSS) no mercado chinês. A hipótese subjacente a este estudo é que a internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês pode oferecer vantagens significativas porque proporcionam acesso a mercados consumidores em rápida expansão, possibilitando a exploração de novas oportunidades de crescimento e aumento de suas bases de clientes.

Palavras-chave: Internacionalização, Empresas Brasileiras, BRICS, Mercados Emergentes, China, Cooperação Sul-Sul.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the internationalization process of Brazilian companies in the Chinese market between 2009 and 2023. Focusing on the advantages and implications of this process, the study seeks to investigate how expansion into these markets can provide access to rapidly growing consumer markets, diversification of operations and products, and reduction of local economic risks. The research employs theoretical approaches and quantitative data analysis to examine the internationalization strategies adopted by Brazilian companies and the benefits gained. The analysis considers economic, political, and cultural factors, contributing to the understanding of internationalization dynamics and South-South Cooperation (SSC) in the context of the BRICS. The underlying hypothesis of this study is that the internationalization of Brazilian companies in emerging BRICS markets can offer significant advantages by providing access to rapidly expanding consumer markets, enabling the exploration of new growth opportunities, and increasing their customer base.

Key words: Internationalization, Brazilian Companies, BRICS, Emerging Markets, China, South-South Cooperation.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - População total dos países	13
Quadro 2 - Taxa de crescimento do produto interno bruto (PIB) real nos países BRICS	14
Gráfico 1 - Comparação da produção de aço bruto entre a China e o resto do mundo	20
Gráfico 2 - Destino das embarcações de minério de ferro entre 2016 e 2020	21
Gráfico 3 - As exportações de petróleo do Brasil e da Petrobras para a China (tbd)	23
Gráfico 4 - Exportação de carne bovina do Brasil em 2023	25
Gráfico 5- Série histórica das exportações de carne bovina do Brasil	26
Gráfico 6 - Lucro Bruto da JBS no mundo de 2013 a 2022 (em bilhões de reais)	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO À COOPERAÇÃO SUL-SUL	14
3 O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS NO MERCADO CHINÊS	17
4 CASOS DE EMPRESAS BRASILEIRAS NO MERCADO CHINÊS	27
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

A internacionalização das empresas brasileiras nos mercados dos países¹ emergentes, especialmente na China, têm se destacado como uma estratégia crucial para as empresas brasileiras nas últimas décadas. Este trabalho se propõe a analisar esse processo ao longo do período de 2009 a 2023. A escolha deste período justifica-se pela significativa transformação no cenário econômico e geopolítico dos países denominados emergentes, sobretudo depois da crise de 2008. A partir de 2009, em meio a recuperação da crise financeira global, o grupo BRICS foi formalmente estabelecido, ganhando relevância crescente no cenário econômico mundial oferecendo novas vantagens para internacionalização e desafios às empresas, fatos que se perpetuam até os dias atuais.

Em um contexto em que as empresas brasileiras buscam expandir suas operações além das fronteiras nacionais, a China têm despertado um interesse particular devido ao seu papel significativo na economia global e ao seu potencial de crescimento. Porém, apesar do interesse crescente, ainda há lacunas a serem preenchidas no entendimento dos benefícios que a internacionalização pode proporcionar para as empresas brasileiras. Deste modo, o tema proposto levanta uma questão crucial: *quais são as vantagens que as empresas brasileiras podem obter ao internacionalizarem suas operações no mercados emergentes, especificamente no mercado chinês?* Esta questão é fundamental não apenas para compreender o contexto empresarial atual, mas também para explorar as implicações mais amplas da integração econômica e comercial entre países em desenvolvimento.

Assim sendo, a hipótese subjacente a este estudo é que a internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês pode oferecer vantagens significativas porque proporcionam acesso a mercados consumidores em rápida expansão, possibilitando a exploração de novas oportunidades de crescimento e aumento de suas bases de clientes.

Ao diversificar suas operações para além do mercado doméstico, as empresas reduzem sua dependência de mercados voláteis², mitigando riscos relacionados a flutuações

¹ Países emergentes podem ser definidos como nações que se encontram em transição entre economias em desenvolvimento e economias desenvolvidas. Esses países demonstram rápido crescimento econômico, melhoria nos indicadores sociais e industrialização acelerada. No entanto, ainda enfrentam problemas como desigualdade e dependência de economias mais desenvolvidas.

² Mercados voláteis são aqueles caracterizados por grandes flutuações nos preços de ativos financeiros, como ações, commodities ou moedas, e são influenciados por fatores como incertezas econômicas, mudanças nas políticas monetárias e crises geopolíticas. Esses mercados apresentam riscos elevados, o que exige maior cautela por parte dos investidores. De acordo com Shiller (2000), a volatilidade pode ser vista como uma medida de risco que reflete a instabilidade do mercado e pode gerar oportunidades, mas também significativas perdas financeiras, caso não sejam geridas adequadamente.

econômicas locais. Outra vantagem significativa é a oportunidade de diversificação de produtos e serviços. Ao entrar em novos mercados, as empresas podem adaptar suas ofertas para atender às necessidades e preferências específicas dos consumidores locais, expandindo assim sua linha de produtos e aumentando sua competitividade global. Além disso, a internacionalização no mercado emergente chinês facilita o acesso a recursos naturais e tecnológicos disponíveis nessas regiões. Tais ações podem resultar em tarifas comerciais mais baixas, maior proteção contra barreiras comerciais e fortalecimento das relações diplomáticas. Dessa forma, isso cria um ambiente mais favorável para a inovação e o desenvolvimento de novas tecnologias, além de ampliar o alcance das exportações brasileiras e aumentar a competitividade global das empresas do país.

Para fundamentar a nossa hipótese, serão realizadas análises detalhadas, considerando fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que influenciam o processo de internacionalização empresarial na China. Assim sendo, serão examinados casos e dados estatísticos relevantes para ilustrar e validar as conclusões obtidas ao longo da pesquisa.

Essa pesquisa se justifica, principalmente, pela necessidade de explorar as vantagens da internacionalização de empresas no mercado chinês, fornecendo contribuições valiosas para o meio acadêmico e preencher lacunas identificadas na literatura sobre o tema. Outrossim, almeja-se oferecer a análise detalhada das estratégias adotadas pelas empresas brasileiras, suas vantagens percebidas e os métodos utilizados nesse processo, visto que os estudos sobre a China gravitam em torno do debate político-econômico no campo da economia política internacional. Contudo, considerando os trabalhos existentes, para fundamentar nossa hipótese serão realizadas análises que discorrem acerca dos fatores econômicos, políticos e comerciais.

A metodologia deste trabalho trata-se de abordagens mistas, combinando pesquisas de cunho qualitativo, utilizando a revisão de literatura especializada no tema, análise de documentos oficiais, relatórios de empresas e de associações voltadas ao comércio internacional para reunir evidências que sustentem a análise. Além disso, será comparada a estratégia de internacionalização das empresas brasileiras no mercado emergente chinês com um arcabouço teórico composto por teorias de internacionalização de empresas e padrões internacionais. Utilizaremos dados fornecidos por fontes oficiais, como o Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex), para analisar a legislação e os licenciamentos que facilitam a internacionalização das empresas brasileiras na China, como sugerido por Pinho e Rocha (2015) em sua nota sobre licenciamento internacional de marcas. Do ponto de vista de

quantitativo, serão apresentados gráficos e tabelas para elucidar o crescimento e participação das empresas brasileiras no período 2009-2023 no mercado chinês.

Do ponto de vista procedimental, utilizaremos artigos científicos, capítulos de livros, relatórios de instituições governamentais, dados estatísticos e exemplo de empresas brasileiras que possuem bastante relevância no mercado chinês, de modo a fornecer uma análise detalhada das estratégias adotadas durante o processo de internacionalização, desde as estratégias de entrada nos mercados internacionais até considerações específicas relacionadas aos mercados emergentes. (BARRETO ET AL., 2007) Vale destacar que o trabalho Barreto et al., (2007) fornece postulações valiosas sobre os desafios enfrentados pelas empresas brasileiras ao expandirem suas operações globalmente e as oportunidades de crescimento oferecidas por esses mercados em desenvolvimento.

Complementando essa visão, a obra de Mendes de Paula (2003) proporciona uma perspectiva mais ampla sobre as estratégias corporativas e de internacionalização utilizadas por grandes empresas na América Latina. Este trabalho é crucial para entender os desafios específicos enfrentados pelas empresas brasileiras ao expandirem suas operações em países emergentes, considerando os contextos políticos, econômicos e culturais da região.

Já a nota sobre estratégia de entrada em mercados internacionais, destacamos a contribuição sobre licenciamento internacional de marcas, desenvolvida por Pinho e Rocha (2015) que permite entender como as empresas brasileiras têm buscado internacionalizar suas marcas em mercados emergentes. A nota acadêmica fornece arcabouço sobre a eficácia do licenciamento como estratégia de entrada em novos mercados e como essa abordagem permite aproveitar as oportunidades de crescimento nos países do bloco dos BRICS. As contribuições exploram casos de sucesso e estratégias eficazes de licenciamento de marcas, oferecendo orientações práticas para empresas que buscam capitalizar as oportunidades de crescimento nos mercados internacionais.

Do ponto de vista teórico-conceitual, nos inserimos no debate sobre cooperação internacional, em especial a cooperação Sul-Sul (CSS) e os BRICS, tema relevante para compreender o caso em estudo. Os BRICS uma vez que os países têm buscado fortalecer os laços de cooperação entre si e com outros países em desenvolvimento, com o objetivo de promover o crescimento econômico, a redução da pobreza e a criação de um sistema internacional mais equitativo. A CSS envolve o compartilhamento de boas práticas, tecnologias e recursos financeiros para enfrentar desafios comuns entre os países, como o acesso a serviços básicos, infraestrutura, saúde, educação e desenvolvimento sustentável. Uma área em que os BRICS têm se destacado na cooperação CSS é o comércio e

investimento. Esses países promovem o aumento do comércio entre si e realizam investimentos em projetos conjuntos em diversos setores, incluindo energia, infraestrutura, agricultura, ciência e tecnologia. Além disso, desenvolveram mecanismos financeiros próprios, como o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), para financiar projetos de infraestrutura e desenvolvimento em países em desenvolvimento.

Outro aspecto importante da cooperação CSS entre os BRICS é o diálogo político e diplomático. Esses países têm se unido em fóruns internacionais para defender interesses comuns e buscar uma ordem mundial mais multipolar e democrática (Vitale, 2016). Eles coordenam posições em questões globais, como mudanças climáticas, segurança alimentar, paz e segurança, e reforma das instituições financeiras internacionais.

Em suma, o objetivo geral do trabalho é analisar o processo de internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês entre 2009 e 2023. Especificamente, vamos (i) Analisar as dez empresas brasileira que mais cresceram após a sua internacionalização no mercado chinês no período em análise (ii) Mapear as estratégia de internacionalização utilizados por essas empresas para entrarem no mercado chinês, e (iii) Elencar as principais vantagens obtidas pelas empresas brasileiras na China no período de 2009 a 2023. Ao final deste estudo, espera-se contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico sobre a internacionalização de empresas.

O trabalho está organizado em cinco seções principais, além desta introdução. A segunda seção aborda o tema da cooperação internacional para o desenvolvimento, com ênfase na cooperação Sul-Sul nos países emergentes, além de uma análise do bloco BRICS discutindo a definição, funcionamento e relevância. Já a terceira seção irá abordar a relação entre o Brasil e a China, bem como uma análise das três empresas escolhidas para analisar no presente trabalho e por fim na última seção faremos uma análise dos resultados obtidos ao longo da pesquisa. Na quarta seção, o foco será direcionado à análise do processo de internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês, buscando compreender as vantagens que essas empresas podem obter ao se internacionalizarem dentro do país.

2. DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO À COOPERAÇÃO SUL-SUL

A cooperação internacional para o desenvolvimento (CID) é o processo de colaboração entre diferentes países, organizações internacionais, organizações não governamentais (ONGs) e outras instituições para alcançar objetivos comuns em benefício da comunidade internacional. Estas parcerias podem abranger muitas áreas, incluindo o

desenvolvimento econômico, social e ambiental, a segurança, os direitos humanos, a saúde e a educação. O principal objetivo da cooperação internacional é resolver problemas globais que afetam muitos países, como a pobreza, as alterações climáticas, os problemas de saúde, os conflitos e a desigualdade. Assim sendo, os países unem-se para partilhar recursos, conhecimento técnico e experiência, para encontrar soluções para problemas que não podem ser resolvidos sozinhos (AFONSO, 2000).

A ideia de CID tem suas raízes no Plano Marshall, implementado pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial para ajudar a Europa a se recuperar da guerra. Este plano visava não apenas a reconstrução econômica da Europa, mas também a contenção da expansão do comunismo. Com o passar do tempo, esse modelo evoluiu, levando à criação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do seu Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD), que tem como missão definir padrões globais de desenvolvimento e fornecer ajuda aos países em desenvolvimento, seja financeira ou com base no que eles consideram como crucial ao desenvolvimento.

A CID é uma forma de promover o progresso econômico, social e ambiental em regiões menos desenvolvidas. Este conceito surgiu como uma resposta aos desafios do mundo de hoje, onde problemas como a pobreza, a desigualdade, as alterações climáticas e os problemas humanitários exigem soluções coletivas e unidas (TOMAZINI, 2017). No passado, a cooperação internacional era dominada pelo modelo de cooperação Norte-Sul, onde os países desenvolvidos forneciam recursos financeiros e assistência técnica aos países em desenvolvimento. No entanto, este modelo foi criticado por perpetuar a dependência econômica e política dos países subdesenvolvidos. Neste contexto, novas formas de cooperação, como a cooperação Sul-Sul e a triangulação, surgiram e tornaram-se eficazes para responder aos desafios do século XXI (DE PAULA, 2003).

A cooperação Sul-Sul é a cooperação entre países em desenvolvimento que partilham experiências e soluções para problemas comuns. Este tipo de cooperação visa reforçar a unidade e incentivar o crescimento econômico equilibrado e independente dos países do sul global, também conhecido como países em desenvolvimento. Ao reunir recursos e conhecimentos tecnológicos, os países do Sul procuram reduzir a sua dependência dos países ricos e desenvolver soluções mais adequadas à sua realidade.

Soma-se a esse conceito o de cooperação triangular, que envolve a participação de terceiros atores, que podem ser países em desenvolvimento, organizações internacionais ou ONGs, atuando como mediadores no processo. Neste modelo, a cooperação combina os recursos e conhecimentos técnicos dos países desenvolvidos com as inovações e esforços dos

países em desenvolvimento para uma melhor cooperação e abrangência (TOMAZINI, 2017). A cooperação triangular é frequentemente utilizada em projetos relacionados com questões ambientais e sociais, onde a combinação de diferentes perspectivas e pontos fortes é a base para resultados eficazes (THORSTENSEN; OLIVEIRA, 2013).

É importante ressaltar que a cooperação não se limita aos governos nacionais, visto que os intervenientes não estatais, como as ONGs, os movimentos sociais e as empresas privadas, desempenham um papel importante na promoção do desenvolvimento global. Estes participantes trazem novas perspectivas e recursos que facilitam a implementação dos programas e melhoram a sustentabilidade. Nas áreas dos direitos humanos e do desenvolvimento ambiental, por exemplo, a participação destas entidades é crucial para atingir os objetivos da cooperação internacional.

Em suma, a cooperação internacional para o desenvolvimento é uma ferramenta importante para enfrentar os desafios globais. Funciona através da cooperação entre países e outras entidades para encontrar soluções conjuntas e coordenadas para problemas complexos. Modelos como a cooperação Sul-Sul e triangular oferecem diferentes abordagens que promovem a igualdade e a inclusão, permitindo que o desenvolvimento seja implementado de forma sustentável e adaptativa às condições locais.

Considerando os objetivos do nosso trabalho, nosso enfoque é na cooperação Sul-Sul para enfatizar a cooperação entre os países emergentes ou em desenvolvimento. A cooperação internacional, em linhas gerais, conforme Tomazini (2017), é um processo vital que envolve a colaboração entre países para fomentar o desenvolvimento econômico e social, com um foco especial nas nações menos desenvolvidas.

A Cooperação Sul-Sul (CSS) tem como objetivo apoiar o crescimento e a prosperidade de países em desenvolvimento. Ela começou a ganhar destaque a partir da década de 1970, mais especificamente após a conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em 1964. A priori, é um modelo de cooperação entre países em desenvolvimento baseado em princípios de solidariedade, laços econômicos e políticos fortes e uma alternativa ao modelo de desenvolvimento norte-sul, onde o norte prevalece, ou seja, nações industrializadas. Essa cooperação é baseada na ideia de que “países do Sul” possam aprender uns com os outros e compartilhar seus recursos, abordando os desafios a que são acometidos de maneira mais equilibrada e eficiente.

De acordo com Tomazini (2017) a CSS se diferencia da CID por seus princípios de execução, que envolvem respeito à soberania, não interferência nos assuntos internos dos países parceiros, horizontalidade nas relações (onde países cooperam como iguais) e a

ausência de condicionalidades. Deste modo, a autora afirma que a diferença entre CSS e CID reside nos princípios de execução.

Em relação a sua classificação, a CSS vem ganhando destaque nos últimos anos como uma abordagem que propõe um modelo mais igualitário de colaboração entre os países em desenvolvimento. Ao contrário do que ocorre na Cooperação CID, que é tradicionalmente liderada pelos países mais ricos, a CSS busca estabelecer relações horizontais, em que os países envolvidos atuam como parceiros de igual para igual. Segundo Tomazini (2017), essa dinâmica é fundamental para garantir que os interesses dos países cooperantes sejam respeitados, e não subordinados às vontades das nações mais poderosas.

Na prática, isso significa que, enquanto a CID frequentemente impõe condições ou contrapartidas aos países que recebem ajuda, a CSS parte do princípio de solidariedade e respeito à soberania. Tomazini (2017) explica que a CSS se baseia na ideia de que os países em desenvolvimento podem crescer juntos, trocando experiências e conhecimentos, sem a interferência externa que caracteriza outras formas de cooperação. O Brasil, por exemplo, tem desempenhado um papel importante nessa estratégia por meio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC)³, promovendo projetos que ajudam outros países a desenvolverem suas próprias capacidades técnicas e institucionais.

Um dos aspectos mais marcantes da CSS é o foco na parceria verdadeira, sem os condicionamentos muitas vezes presentes na CID. Ao contrário dos projetos liderados por organizações internacionais como o Banco Mundial, que geralmente exigem que os países adotem políticas específicas em troca de ajuda, a CSS é guiada pela ideia de ganhos mútuos. A cooperação brasileira, por exemplo, tem como objetivo não apenas ajudar, mas também aprender com os países parceiros, criando uma relação de troca mais justa e benéfica para ambos os lados. Essa lógica é particularmente importante em um mundo onde os recursos são cada vez mais escassos e a sociedade civil está mais atenta às políticas internacionais. Tomazini (2017) destaca que, diante dessas pressões, os países e organizações envolvidos na CSS têm buscado melhorar seus mecanismos de gestão e transparência. Isso mostra um esforço para garantir que os projetos de cooperação realmente gerem impacto positivo, tanto para os países que recebem a ajuda quanto para aqueles que a oferecem.

³ A ABC pode ser considerada como um dos principais atores exemplos da funcionalidade desse modelo de cooperação. O Brasil, que por meio da ABC, tem trabalhado ao lado de outros países mediante cooperação sul-sul em áreas como saúde, educação, agricultura e tecnologia. As ações realizadas são pensadas para beneficiar ambos os lados, reforçando o princípio da solidariedade e o compromisso com o desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo, a CSS não impõe condições ou interfere nos assuntos internos dos países parceiros, o que torna esse modelo de cooperação mais flexível e adaptado às realidades dos países em desenvolvimento.

Em resumo, a CSS se apresenta como uma alternativa mais justa e solidária à CID tradicional, oferecendo aos países em desenvolvimento a oportunidade de colaborar de maneira mais autônoma e sem os condicionamentos típicos das relações com o Norte global. Como ressalta Tomazini (2017), é um caminho para que esses países possam fortalecer suas capacidades e alcançar um desenvolvimento sustentável de forma colaborativa.

Já em relação ao seu funcionamento, a CSS se destaca como uma forma mais igualitária e solidária de interação entre os países em desenvolvimento ao se basear em uma troca horizontal. Nesta dinâmica, todos os países envolvidos são tratados como parceiros iguais, sem a hierarquia tradicional de doadores e receptores. Como citado anteriormente, a CSS começou a ganhar impulso a partir das décadas de 1950 e 1960, em um contexto em que diversos países do Sul Global, incluindo nações da América Latina, África e Ásia, buscavam construir uma cooperação que fosse menos dependente e mais focada em suas realidades locais. A ideia principal era compartilhar conhecimento e tecnologia, em vez de simplesmente receber ajuda financeira. Dessa forma, as iniciativas da CSS promovem o desenvolvimento mútuo, respeitando a soberania e as necessidades de cada país envolvido.

Além disso, a CSS não conta com uma instituição centralizadora, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no caso da CID. As iniciativas são muitas vezes autônomas e variam de acordo com os interesses e necessidades dos países envolvidos. Isso torna a CSS uma rede de colaboração mais descentralizada e menos padronizada, o que pode ser tanto uma vantagem quanto um desafio Tomazini (2017). No entanto, apesar das diferenças em relação à CID, a CSS também enfrenta desafios, especialmente em termos de gestão de projetos e na obtenção de melhores resultados. Com recursos frequentemente limitados e uma sociedade civil cada vez mais atenta e exigente, os países que participam da CSS têm buscado aprimorar seus mecanismos de gestão para aumentar a eficácia das suas iniciativas.

Esse tipo de cooperação reflete uma visão de mundo mais colaborativa, onde o desenvolvimento não é imposto de cima para baixo, mas construído em conjunto, com respeito e consideração pelas realidades e necessidades locais de cada país. Assim, a CSS se configura como uma ferramenta importante para fortalecer a integração e a autonomia dos países do Sul Global, promovendo um futuro mais equilibrado e sustentável.

Um aspecto fundamental da abordagem CSS é o funcionamento das iniciativas entre os países emergentes, que buscam colaborar em diversas áreas, como saúde, educação, infraestrutura e tecnologia. Os países emergentes desempenham um papel crucial no cenário global atual, caracterizando-se por seu rápido crescimento econômico, avanços sociais e

maior protagonismo nas relações internacionais. Essas nações, que incluem potências como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, têm se destacado por suas economias em expansão, que frequentemente apresentam taxas de crescimento superiores às dos países desenvolvidos. Uma das características marcantes dos países emergentes é a sua capacidade de adotar e adaptar inovações tecnológicas, que impulsionam o desenvolvimento em diversas áreas, como saúde, educação, infraestrutura e tecnologia da informação. Essa capacidade de adaptação não se limita à simples importação de tecnologias, mas muitas vezes desenvolvem soluções próprias, moldadas às suas realidades locais e desafios específicos. Por exemplo, na área da saúde, programas de telemedicina e tecnologias de baixo custo têm sido criados para atender a populações com acesso limitado a serviços de saúde.

Além disso, os países emergentes têm se unido em blocos regionais e internacionais para fortalecer sua posição no comércio global e nas discussões sobre políticas econômicas. Nota-se que, em síntese, a CSS é um exemplo de colaboração, onde nações do Sul Global compartilham experiências e recursos para enfrentar desafios comuns. Essa forma de cooperação não apenas promove um desenvolvimento mais sustentável e equitativo, mas também fortalece a autonomia desses países em relação às potências tradicionais.

Outro aspecto importante da CSS, relacionado a nossa proposta, é o aumento do investimento em infraestrutura. Muitos países emergentes estão investindo pesadamente em projetos de infraestrutura, que não apenas criam empregos, mas também facilitam o comércio e a conectividade entre as regiões. Por exemplo, a China tem liderado a Iniciativa do Cinturão e Rota, um ambicioso projeto de desenvolvimento de infraestrutura que busca melhorar as conexões comerciais entre a Ásia, Europa e além.

Os países emergentes também estão se tornando protagonistas em questões globais, em temas como as mudanças climáticas e a segurança alimentar. Com suas crescentes populações e desafios de desenvolvimento, essas nações estão buscando soluções inovadoras e sustentáveis para garantir um futuro mais resiliente. Além disso, sua participação em fóruns internacionais, como o G20 e a COP, reflete sua crescente influência nas decisões globais. Entretanto, os países emergentes enfrentam desafios significativos, como desigualdade econômica, corrupção e a necessidade de reformar suas instituições (Tomazini 2017). O crescimento rápido pode levar a tensões sociais, especialmente quando os benefícios do desenvolvimento não são distribuídos equitativamente. Portanto, é fundamental que esses países não apenas continuem a buscar o crescimento econômico, mas também se empenhem em promover a inclusão social e a boa governança.

Em resumo, os países emergentes estão em uma trajetória de crescimento e desenvolvimento que os coloca no centro das discussões globais. Sua capacidade de inovar, colaborar e enfrentar desafios coletivos os torna protagonistas em um mundo em constante mudança, refletindo a importância da diversidade e da cooperação na busca por um desenvolvimento sustentável e equitativo. Um dos caminhos adotado por esses países tem sido a intensificação do processo de integração econômica como forma e resposta aos desafios que esses grupos ainda enfrentam pelas limitações das agendas dos principais. Assim sendo, a próxima seção vai analisar a relação da integração e a cooperação internacional.

2.1 INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E COOPERAÇÃO ESTRATÉGICA

A cooperação para o desenvolvimento, segundo Afonso (2000), refere-se a um conjunto de esforços internacionais para apoiar o crescimento econômico e social de países em desenvolvimento (PED) e países com economias em transição. Assim sendo, a cooperação para o desenvolvimento pode ser vista como um esforço global, do qual se consolidou especialmente a partir da Declaração do Milênio, adotada pela ONU em 2000, onde os países membros se comprometeram com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que tinham como uma de suas principais metas reduzir a pobreza extrema pela metade até 2015.

A cooperação para o desenvolvimento envolve várias ações coordenadas para ajudar essas nações a progredirem. Entre os principais pontos estão: aumentar os recursos financeiros gerados internamente nos países, promover investimentos privados de forma mais equitativa, garantir que o comércio internacional seja mais justo, fortalecer a ajuda pública ao desenvolvimento (APD), resolver as questões relacionadas à dívida dos países mais pobres e garantir que as instituições financeiras internacionais ajudem de forma mais equilibrada os países em desenvolvimento. O financiamento para o desenvolvimento acontece de várias formas. Pode ser por meio de APD, através de investimentos privados de empresas e indivíduos, ou por doações de organizações não governamentais (ONGs). A Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) é um dos principais instrumentos de apoio, sendo oferecida em condições favoráveis aos países que precisam, visando não só benefícios imediatos, mas principalmente o desenvolvimento econômico sustentável no longo prazo.

Em 2002, durante A Conferência Internacional sobre o Financiamento para o Desenvolvimento, realizada em Monterrey, México, em 2002 (Conferência de Monterrey) ficou claro que, embora os países em desenvolvimento precisem criar suas próprias políticas e estruturas para avançar, eles não conseguem atingir suas metas de forma significativa sem o

apoio da comunidade internacional (United Nations Conference on Trade and Development, 2002). Assim, os países mais ricos se comprometeram a ajudar, seja por meio de comércio mais justo, mais investimentos, alívio da dívida ou aumento da ajuda financeira. Entende-se que, a cooperação para o desenvolvimento é sobre países se unindo para construir um mundo mais equilibrado, onde os mais pobres possam ter as ferramentas e o apoio necessários para melhorar suas condições de vida, reduzindo desigualdades e promovendo crescimento sustentável.

A integração econômica e a cooperação entre os países do BRICS, por sua vez, desempenham um papel central no fortalecimento de suas economias no comércio internacional (THORSTENSEN; E OLIVEIRA, 2013). Segundo os autores, a colaboração entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) tem sido fundamental para a defesa dos interesses de suas economias emergentes, além de promover uma maior abertura para novas empresas nos mercados internacionais.

No contexto da OMC, os BRICS atuam como um bloco estratégico, unindo forças para harmonizar políticas comerciais e adotar práticas que facilitem o comércio entre seus membros. Essa cooperação é evidenciada pela redução de barreiras tarifárias e não-tarifárias, simplificação de procedimentos alfandegários e criação de mecanismos conjuntos de resolução de disputas comerciais. Essas medidas não apenas fortalecem o comércio entre os países do BRICS, mas também aumentam a capacidade dessas economias de competir globalmente.

Além disso, o bloco tem promovido ativamente a integração de novas empresas em seus mercados, especialmente em setores estratégicos como tecnologia, manufatura e agronegócio. Iniciativas como o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) e o Fundo de Cooperação BRICS têm desempenhado um papel crucial nesse processo, financiando projetos de infraestrutura e inovação que criam oportunidades para a entrada de novas empresas. O Fundo de Cooperação dos BRICS, através do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) e do Acordo Contingente de Reservas (CRA), busca apoiar o desenvolvimento econômico dos países membros. Desde sua fundação, em 2015, o NDB tem financiado projetos essenciais de infraestrutura e sustentabilidade. Cada país contribuiu inicialmente com US\$10 bilhões, totalizando US\$50 bilhões para o capital do banco. (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, 2023; PACIFIC FORUM, 2021).

Até 2021, foram aprovados mais de 80 projetos, com investimentos totais que ultrapassam US\$ 30 bilhões, focados em áreas como energia renovável, transporte e

desenvolvimento urbano (UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT, 2023; PACIFIC FORUM, 2021).

Essas ações são fundamentais para diversificar as economias dos países do BRICS e reduzir a dependência de mercados tradicionais, contribuindo para a construção de um ambiente econômico mais dinâmico e inclusivo.

2.3 O BRICS E O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS

O BRICS é um bloco formado inicialmente por cinco países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Formalizado em 2009, tais países compartilham características comuns, como economias em rápido crescimento, grande população e influência regional significativa. No ano de 2024 o bloco passou por uma expansão significativa, ampliando o número de membros de cinco para onze países. Argentina, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes, Etiópia e Irã foram incluídos no bloco na 15ª Cúpula do BRICS, realizada em agosto de 2023 em Joanesburgo, África do Sul. Para fim desse trabalho, vamos focar apenas nos membros originários dos BRICS.

De acordo com dados do Portal Gov (2024), os BRICS representam 42% da população mundial, 30% do território, 31,5% do PIB global e 18% do comércio internacional. Formado em 2006, o grupo se reúne anualmente para discutir cooperação em política, finanças e cultura. Em 2022, o PIB conjunto foi de US\$24,7 trilhões, com a China liderando. O comércio Brasil-BRICS atingiu US\$177,7 bilhões em 2022, com a soja sendo o principal produto exportado.

Juntos, esses países representam uma parte considerável da população mundial, do comércio internacional e do PIB mundial. No *World Government Summit*, que ocorreu em 13 de fevereiro de 2024, a presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), Dilma Rousseff, destacou que o BRICS agora representa 31,5% do PIB global, superando o G7, que corresponde a 30,8% (UNITED NATIONS, 2023).. Essa mudança reflete a crescente influência econômica do grupo, que visa fortalecer a cooperação entre seus membros para enfrentar desafios globais, como a desigualdade e as crises econômicas.

Conforme exposto, os BRICS surgiram como uma forma de resposta ao domínio crescente das economias desenvolvidas no cenário global, particularmente concernente às instituições financeiras como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. O bloco busca, por meio da cooperação, aumentar sua influência nas decisões globais, provendo

uma ordem internacional mais multipolar e equilibrada, portanto, não são apenas reconhecidos pelo seu crescimento econômico, mas também pela sua crescente influência nas instituições internacionais e na criação de novas normas globais (HURRELL et al., 2019). Nas palavras dos autores:

Não é difícil deparar com declarações recorrentes, ainda que de intensidade variável, expressando insatisfação com a estrutura unipolar e o desejo de um sistema mais equilibrado - "contribuir, mesmo que seja um pouquinho, para a multipolaridade", como afirmou recentemente o ministro das Relações Exteriores brasileiro (HURRELL et al., 2019).

Em termos econômicos os BRICS tem se destacado como um catalisador para a promoção do comércio e do investimento entre seus membros. A criação do NDB, também conhecido como Banco dos BRICS, em 2014, é um exemplo concreto dessa cooperação. O NDB foi estabelecido para financiar projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países membros e em outras economias emergentes, servindo como uma alternativa às instituições financeiras dominadas pelo Ocidente.

Os BRICS são responsáveis por uma parcela substancial do comércio mundial conforme citado anteriormente. O comércio internacional dos BRICS é substancial, com a China sendo o maior exportador mundial. É importante ressaltar a riqueza em recursos naturais dos BRICS, com a Rússia sendo um dos maiores produtores de petróleo e gás natural e o Brasil possuindo vastos recursos agrícolas e minerais. Essa abundância fortalece a posição do bloco nas negociações internacionais e no mercado de *commodities*. Outro fator importante é a grande população dos BRICS, com destaque para China e Índia, que oferecem um vasto mercado consumidor e uma força de trabalho jovem, o que é um fator chave para o crescimento econômico sustentável, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 1 - População total dos países BRICS de 2009 a 2023 (em milhões de habitantes)

Ano	China	Índia	Brasil	Rússia	África do Sul
2009	1.334,50	1.223,64	188,59	142,83	50,55
2023	1.409,67	1.428,63	204,25	146,33	61,53

Fonte: Elaboração própria com dados retirados do Statista

A diversificação econômica é outra prioridade para os BRICS, visando evitar a dependência excessiva de setores específicos, como recursos naturais ou manufatura. Investimentos em tecnologia, educação e inovação são essenciais para construir economias

mais resilientes e preparadas para os desafios futuros. O quadro 2 mostra o crescimento do PIB dos países membros desde a criação do grupo.

Quadro 2- Taxa de crescimento do produto interno bruto (PIB) real nos países BRICS de 2009 a 2023

Ano	Brasil	China	Índia	Rússia	África do Sul
2009	-0,13	9,45	8,48	-7,82	-1,54
2010	7,53	10,61	10,26	4,50	3,04
2011	3,97	9,55	6,64	5,07	3,17
2012	1,92	7,85	5,46	4,02	2,40
2013	3,01	7,77	6,39	1,76	2,49
2014	0,50	7,39	7,41	0,74	1,41
2015	-3,55	7,02	8	-1,97	1,32
2016	-3,28	6,85	8,26	0,19	0,67
2017	1,32	6,95	6,80	1,83	1,16
2018	1,78	6,75	6,45	2,81	1,56
2019	1,22	5,95	3,87	2,20	0,26
2020	-3,28	2,24	-5,78	-2,65	-5,96
2021	4,76	8,45	9,69	5,99	4,70
2022	3,02	2,99	6,99	-1,20	1,91
2023	2,91	5,24	7,83	3,59	0,60

Fonte: Elaboração própria (Statista, 2024)

A Partir dos dados acima, no quadro 1 podemos observar que a população dos BRICS aumentou de maneira significativa de 2009 para 2023 com enfoque para a China e a Índia, o que demonstram mercados consumidores em forte expansão. Essa vantagem demográfica da China, reflete o enorme potencial para o aumento de consumo e desenvolvimento de novas oportunidades econômicas. Já em relação ao quadro 2, os dados do PIB real demonstram uma recuperação elevada e consistente após a crise financeira global de 2008 onde um dos bancos de investimento mais tradicionais dos Estados Unidos, O Lehman Brothers foi à falência e as bolsas do mundo despencaram. E embora o Brasil e a Rússia tenham demonstrado contrações durante 2015 e 2016, os BRICS como um todo, demonstram resiliência e força necessária para enfrentar desafios. A China por sua vez, se manteve com taxas elevadas de crescimento, demonstrando sua força e constância em relação ao crescimento.

3. O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS NO MERCADO CHINÊS

Considerando que nosso objetivo é analisar o processo de internacionalização de empresas brasileiras no mercado chinês ao longo do período de 2009 a 2023, essa seção analisa como algumas empresas brasileiras aproveitam as políticas do bloco e seus mercados para se expandirem, especificamente será analisada a internacionalização da Vale, Petrobras e JBS no mercado chinês.

A internacionalização de empresas refere-se ao processo pelo qual as empresas expandem as suas operações para além das fronteiras nacionais e procuram oportunidades em mercados estrangeiros. Este crescimento pode ser visto como uma forma de alterar mercados e riscos, permitindo à empresa encontrar novos clientes e recursos. Além disso, a internacionalização exige também a adaptação de produtos e serviços para satisfazer as necessidades dos diferentes mercados, aumentando assim a sua competitividade internacional (PAULA, 2003).

O processo de internacionalização é caracterizado por muitas etapas e estratégias diferentes dependendo do setor e do tamanho da empresa. Em primeiro lugar, requer um planeamento cuidadoso que tenha em conta aspectos como a análise de mercado, a seleção de países-alvo e a avaliação de riscos. Além disso, a internacionalização é muitas vezes um processo gradual que permite às empresas começar a exportar e depois progredir para formas mais complexas de internacionalização, como o investimento direto. Outro fato importante é a necessidade de adaptação à cultura e às práticas, pois a empresa deve compreender e respeitar as diferenças culturais, legais e econômicas do mercado em que deseja atuar (PAULA, 2003).

A internacionalização de empresas brasileiras têm se destacado mostrando um movimento estratégico vital nos últimos anos, especialmente à medida que mercados emergentes ganham força no cenário global. Nesse contexto, algumas empresas se destacam por sua capacidade de expandir operações além das fronteiras do Brasil, aproveitando grandes oportunidades em países como a China. Empresas como Vale por exemplo, se internacionalizou principalmente por meio da exportação de seus recursos naturais, A Vale se internacionalizou desde a década de 2000 principalmente exportando seus recursos naturais, principalmente minério de ferro. Desde então, a Vale estabeleceu um braço comercial, estabeleceu empresas, criou unidades de produção e, mais recentemente, adquiriu concorrentes no setor (DALLA COSTA, 2009). Já a Petrobras, começou sua trajetória internacional por meio da exportação de petróleo e produtos derivados. A empresa estabeleceu acordos comerciais para vender óleo cru e produtos refinados para diversos países, ampliando assim sua participação no mercado internacional (DALLA COSTA, 2009).

E por fim a JBS A JBS alcançou a internacionalização por meio de uma estratégia de exportação, vendas e cooperação. No início, a empresa focou na exportação de carne para mercados internacionais, aproveitando as vantagens competitivas do Brasil, como os recursos naturais para produzir bons alimentos. Dessa forma, a JBS poderá atender à crescente demanda global por proteínas e fortalecer sua posição no mercado externo (Teixeira, Carvalho & Feldmann, 2010).

Para este trabalho selecionamos três principais empresas: a Vale, a Petrobras e a JBS por demonstrarem potencial no mercado emergente chinês. Essas empresas, além do potencial nesse mercado emergente, representam a força e a inovação do Brasil em um cenário global em constante mudança. Cada uma delas possui uma história única e uma abordagem distinta para a internacionalização, que as ajudou a conquistar espaço em grandes países. A partir desse pressuposto vamos explorar como grandes empresas estão se destacando em suas respectivas áreas. Elas não só se adaptaram às dinâmicas do mercado, mas também mostraram resiliência e visão, aproveitando oportunidades em setores-chave e estabelecendo laços comerciais que vão além das fronteiras brasileiras.

Para analisar o processo de internacionalização, utilizaremos indicadores econômicos e financeiros, como o crescimento de receita e lucro líquido das empresas após a entrada no mercado chinês, além da medição da participação de mercado das empresas brasileiras nesses países. Adicionalmente, serão verificados indicadores culturais e políticos, avaliando o grau de adaptação das empresas às regulamentações e culturas locais dos BRICS. Também examinaremos a diversificação de produtos, analisando como essas empresas adaptam seus produtos e serviços para atender às demandas dos mercados emergentes. Todavia, é importante destacar, ainda que breve, o histórico da relação Brasil-China.

3.1. Relação Brasil - China

As relações entre Brasil e China tiveram início em 15 de agosto de 1974, com estabelecimento de laço diplomático que se intensificou ao longo do tempo. A partir de 1993, essa relação foi elevada ao status de "parceria estratégica", e em 2012, passou a ser "parceria estratégica global", marcando o reconhecimento da importância mútua no cenário internacional. As visitas de líderes chineses e brasileiros têm sido um pilar crucial nas relações diplomáticas entre os dois países ao longo dos anos. A primeira visita de um presidente brasileiro à China se deu em 1984 quando o general João Figueiredo foi até Pequim. Portanto, no início dos laços bilaterais, em 1974, essas visitas foram marcadas por acordos econômicos, parcerias em infraestrutura e ciência. Destacam-se visitas como a do

presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China em 2004 e as de Xi Jinping ao Brasil, que reforçaram a cooperação econômica, investimentos em energia e tecnologia, consolidando a China como o principal parceiro comercial do Brasil (FUNAG, 2016).

No campo econômico, a China tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil em 2009, superando os Estados Unidos. Esse crescimento nas trocas comerciais, que em 2015 chegou a US\$66,3 bilhões, foi impulsionado principalmente pela exportação de commodities brasileiras, como soja, minério de ferro e petróleo, enquanto o Brasil importava produtos manufaturados chineses (FUNAG, 2016). Além do comércio, a China tornou-se uma importante fonte de investimentos no Brasil, com destaque para áreas estratégicas como infraestrutura, energia, telecomunicações e petróleo, consolidando uma parceria de longo prazo (FUNAG, 2016).

A cooperação também se estende à ciência e tecnologia. Em 1988, Brasil e China deram início ao programa CBERS⁴, que já lançou cinco satélites desde então. Essa colaboração é um exemplo do compromisso de ambos os países em promover avanços em alta tecnologia. O Plano Decenal de Cooperação Espacial (2013-2021) e o Plano de Ação Conjunta (2015-2021) reforçam essa parceria ao delinear objetivos estratégicos para o futuro (FUNAG, 2016). Politicamente, Brasil e China cooperam em fóruns internacionais, como o BRICS, buscando reformar instituições financeiras globais, como o FMI e o Banco Mundial. A criação do Novo Banco de Desenvolvimento e do Arranjo Contingente de Reservas pelos BRICS reflete o desejo de fortalecer a cooperação entre os países em desenvolvimento e aumentar sua influência no cenário global (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2016).

Apesar dos desafios, como a necessidade de o Brasil diversificar suas exportações, a relação entre os dois países é promissora. A China continua sendo um parceiro estratégico para o crescimento e modernização do Brasil, com oportunidades crescentes de cooperação nos próximos anos. Todavia, as relações históricas construídas ao longo dos anos permitiu a abertura de investimento de empresas brasileiras no mercado chinês, fato que será melhor analisado a partir das empresas selecionadas que serão analisadas a seguir para elencar as principais vantagens obtidas pelas empresas brasileiras na China no período de 2009 a 2023.

⁴ CBERS é a sigla para China-Brazil Earth Resources Satellite, ou Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres. É um programa de cooperação entre o Brasil e a China, iniciado na década de 1980, para o desenvolvimento de satélites de observação da Terra.

4 CASOS DE EMPRESAS BRASILEIRAS NO MERCADO CHINÊS

4.1 Vale

A Vale S.A é uma das maiores mineradoras do mundo, sua história começou em 1º de junho de 1942. A Vale é conhecida pela capacidade de criar e expandir seus negócios desde a sua criação. Com sede no Brasil, a empresa é atualmente uma das maiores fornecedoras de aço do mundo. Em 2022, a Vale fortaleceu sua posição no mercado global e alcançou uma receita de aproximadamente 56 bilhões de dólares, segundo dados cedidos pela própria companhia (VALE, 2022).

Além disso, lidera consistentemente o ranking de exportações do Brasil. Em 2013, por exemplo, a empresa exportou US\$16,453 bilhões entre janeiro e agosto, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O montante representa um desempenho 111% superior ao da Petrobras, segunda maior exportadora do país (VALE, 2022). Apesar de uma leve queda nas exportações em comparação ao ano anterior, a Vale continua a ser uma força dominante no setor de mineração global, contribuindo significativamente para a economia brasileira. O foco da Vale vai além do dinheiro. A empresa é reconhecida por seu compromisso com a sustentabilidade e o trabalho social. Investe em tecnologias e práticas destinadas a reduzir o impacto ambiental da mineração e a promover formas sustentáveis de trabalhar em suas operações. Além disso, a Vale contribui significativamente para o desenvolvimento econômico das regiões onde atua, construindo infraestrutura, criando empregos e apoiando o desenvolvimento comunitário.

A China é uma parceira de longa data da Vale, sendo considerada sua maior parceira comercial. A Vale foi uma das primeiras empresas a exportar minério de ferro para a China. O primeiro carregamento ocorreu em 1973, um ano antes do início das relações diplomáticas entre Brasil e China. Em 1994, a Vale abriu seu escritório em Xangai para expandir sua presença no mercado chinês, fortalecendo a cooperação econômica entre as duas nações. (VALE, 2022.s.p).

O minério de ferro desempenha um papel vital na indústria da China, que é a maior consumidora desse recurso no mundo. A Vale S.A, uma das principais produtoras, se destaca como parceira estratégica desse país, especialmente após a abertura do complexo S11D⁵ em 2016. Esse projeto não só aumentou a produção da Vale, mas também melhorou a qualidade

⁵ O Complexo S11D, também conhecido como Serra Sul, é a maior operação de extração de minério de ferro da Vale S.A, localizada no município de Canaã dos Carajás, no Pará. Inaugurado em 2016, o projeto é um dos maiores investimentos da empresa, com um valor estimado de US\$14,3 bilhões.(VALE, 2016)

do minério, ajudando a atender a crescente demanda da China por aço, crucial para sua infraestrutura e crescimento econômico. Assim, a Vale se torna uma peça chave não apenas em seu próprio sucesso, mas também faz parte da trajetória de desenvolvimento da China.

Essa interdependência entre os dois países ilustra como os recursos naturais podem ser capazes de impulsionar economias em um mundo cada vez mais globalizado. Entre 2016 e 2020, a demanda chinesa por minério de ferro da Vale cresceu consideravelmente, refletindo a interdependência entre as economias dos dois países. A crescente urbanização e industrialização da China aumentaram cada vez mais a necessidade de utilização do aço, tornando a Vale um fornecedor estratégico. Este relacionamento não só promove o crescimento econômico da Vale, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento da infraestrutura chinesa, essencial para sustentar seu avanço econômico.

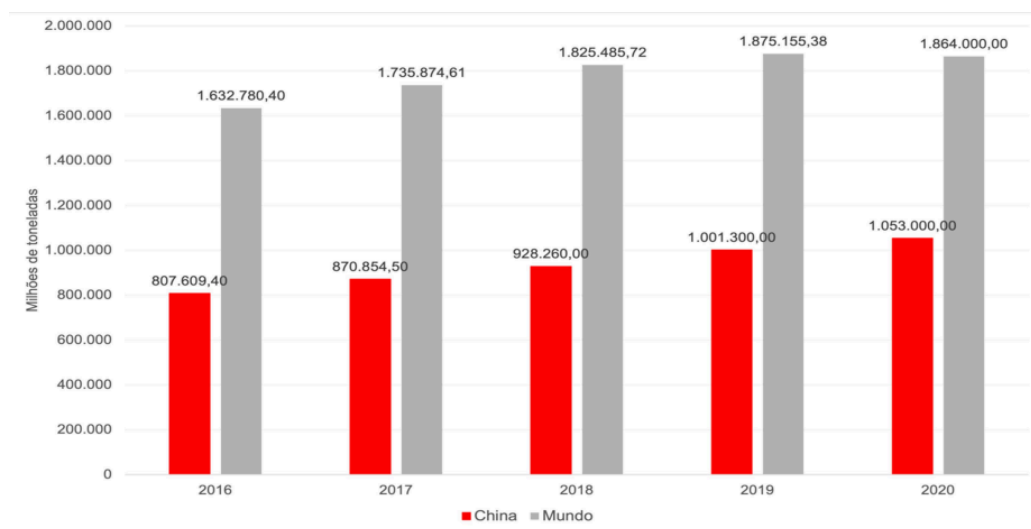
Além disso, o minério de ferro da Vale, conhecido mundialmente devido a sua alta qualidade, que é essencial para a produção de aço, onde o mesmo é utilizado em diversos setores, incluindo construção e manufatura. A relação comercial entre a Vale e a China exemplifica de maneira concreta a dinâmica do comércio global, onde os recursos naturais se tornam a base para o crescimento industrial e econômico. Entendemos, que a Vale não apenas sustenta sua operação no mercado global, mas também desempenha um papel vital na evolução econômica da China, solidificando a parceria entre os dois países (SENA; WEISS, 2021).

Estreitando ainda mais essa relação, no ano de 2020 a Vale anunciou a aprovação de uma joint venture com a Ningbo Zhoushan⁶ para expandir o Porto de Shulangu, na China. O "Projeto West III" envolve um investimento total de US\$624 milhões para desenvolver capacidade portuária de 20 Mtpa, incluindo pátio de estocagem e berços de carregamento. A Vale deterá 50% da joint venture e a construção, com duração estimada de três anos, depende de aprovações regulatórias. O projeto otimizará os custos de transporte da mineradora na China (FIGUEIREDO, 2020).

A presença da Vale nos países dos BRICS, especialmente na China, conforme demonstrado anteriormente, é de particular importância, pois a empresa não apenas conecta mercados, mas também contribui para a integração econômica e social desses países. Dessa forma, a Vale não é apenas uma mineradora, mas também um agente mineral, que busca moldar o futuro econômico da região onde trabalha.

⁶ Ningbo-Zhoushan é um dos maiores e mais movimentados portos do mundo, localizado na província de Zhejiang, China.

Gráfico 1 - Comparação da produção de aço bruto entre a China e o resto do mundo entre 2016 e 2020

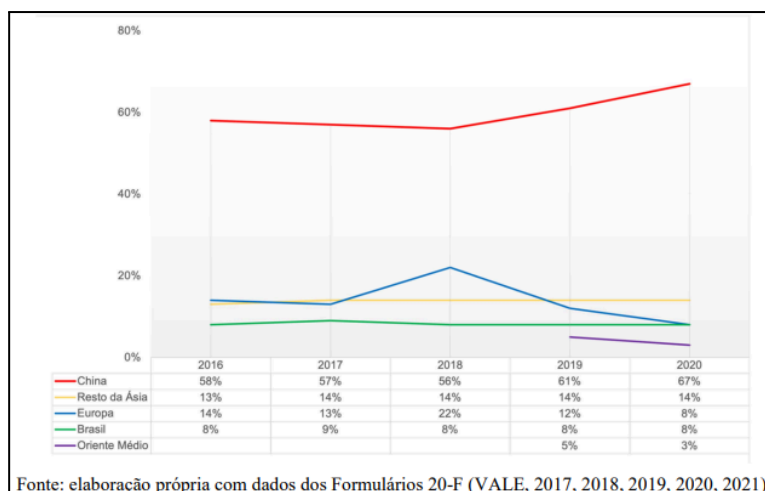


Fonte: Sena e Weiss, 2021.

O Gráfico 1 evidencia que, embora a China produza uma grande quantidade de aço, sua produção total ainda não alcança a de todos os demais países somados. Esse desequilíbrio torna essencial a busca pelo mercado externo para suprir suas necessidades internas. A parceria estratégica com a Vale, nesse contexto, é fundamental para a China, permitindo-lhe complementar sua produção doméstica e atender à elevada demanda interna de aço.

Para além disso, desde a inauguração do complexo S11D, em 2016, conforme citado anteriormente, as exportações de minério de ferro da Vale para a China aumentaram significativamente, passando de 58% para quase 70% até 2020. Esse crescimento reflete a importância do mercado chinês para a mineradora brasileira, enquanto a Europa também apresentou um leve aumento nas compras em 2018, favorecido pelo ramp-up do S11D e pelo aumento na produção de pelotas, o que ampliou a oferta de minério para a região (VALE, 2018) (SENA; WEISS, 2021, p. 32-49).

Gráfico 2 - Destino das embarcações de minério de ferro entre 2016 e 2020



Fonte: Sena e Weiss, 2021.

O Gráfico 2 demonstra que, a China foi entre 2016 e 2020 a maior importadora de minério de ferro, feito que se mantém até os dias atuais. Reforçando a hipótese subjacente ao presente trabalho de que, a expansão das exportações do mercado de minério de ferro brasileiro, especificamente advindo da empresa Vale, se deu especialmente devido a grande demanda do mercado chinês do qual é o maior destino dessas exportações. Tal feito, nos ajuda a entender a tamanha importância que o processo de internacionalização de empresas brasileiras possui, trazendo benefícios não só para as empresas que participam desse processo, mas também para a economia brasileira.

4.4 Petrobras

A Petrobras, ou Petróleo Brasileiro S.A, é uma das maiores empresas de energia do mundo, e sua história começou em 3 de outubro de 1953. A criação da empresa foi um marco importante para o Brasil, que buscava se tornar autossuficiente em petróleo, um recurso fundamental para o crescimento do país. Hoje, a Petrobras é reconhecida por sua atuação em exploração e produção, especialmente em águas profundas, utilizando tecnologias de ponta.

Além de suas atividades no setor de petróleo, a Petrobras está se adaptando à transição energética, investindo em fontes renováveis e em tecnologias para reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Essa mudança é especialmente importante em um contexto em que a sustentabilidade é uma prioridade global. A atuação da Petrobras no comércio internacional vai além de números: a empresa gera empregos e contribui para o desenvolvimento econômico do Brasil, enquanto fortalece sua posição no cenário energético mundial. Hoje, ela é responsável por uma parte significativa das exportações de petróleo do

Brasil para a China, tendo esta como seu principal mercado. Essas exportações são vitais para a economia brasileira, contribuindo para a balança comercial (PETROBRAS, s.d.).

A Petrobras e a China mantêm um relacionamento profundo e duradouro que se iniciou a partir dos anos 2000 devido à crescente demanda energética da potência. A Petrobras mantém um relacionamento complementar com a China em quatro áreas principais: comércio, investimentos, infraestrutura e dívida. Esse vínculo ganhou força com a descoberta do pré-sal brasileiro em 2007. A Petrobras tornou-se um dos principais fornecedores de petróleo para a China, um dos maiores consumidores mundiais de petróleo. Além disso, a Petrobras formou uma joint venture com a CNPC, da China, para finalizar a construção de uma refinaria e revitalizar campos offshore na Bacia de Campos. Esse acordo envolve a conclusão da refinaria do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) e amplia a participação da China no setor de refino brasileiro. Além disso, esse comércio bilateral fortaleceu o relacionamento entre as duas partes e aumentou as exportações da Petrobras, o que é de grande importância para o equilíbrio da balança de pagamentos internacional e para a manutenção da expansão da produção de petróleo do Brasil. Além disso, as empresas e os bancos chineses tornaram-se importantes investidores e parceiros a longo prazo, focados nas infraestruturas do setor energético, em particular nos projetos de perfuração e transporte de petróleo. Esses projetos são resultados de colaborações que vão desde tecnologias avançadas a métodos de extração desenvolvidos para melhorar a exploração do pré-sal.

Os empréstimos chineses foram necessários para a Petrobras, que enfrentava graves problemas financeiros devido à instabilidade da indústria e ao alto endividamento, especialmente durante a crise do mercado de petróleo. Com o financiamento, a estatal pôde aumentar a capacidade de produção e investir em novas tecnologias, como as necessárias para desenvolver as formações do pré-sal. Esses recursos chineses garantiram a estabilidade da Petrobras, permitindo-lhe cumprir obrigações financeiras e desenvolver projetos estratégicos, tornando-a um importante parceiro (BARBOSA, 2021).

Para a China, a Petrobras representa não apenas uma fonte segura de petróleo, mas também uma oportunidade de investimento em infraestrutura em um país de grande importância geopolítica. Esta relação permite à China reforçar a sua segurança energética, diversificando ao mesmo tempo a sua rede de fornecedores.

Além disso, também enfrenta desafios como a concorrência no mercado, as alterações regulamentares e o impacto da queda dos preços globais do petróleo. De fato, a dependência da China por importações de petróleo aumentou significativamente nas últimas duas décadas devido ao crescimento da demanda e à produção interna limitada. Entre 2000 e 2019, a

demanda chinesa por petróleo cresceu 195%, enquanto a produção doméstica avançou apenas de 3,3 para 3,8 milhões de barris por dia. Com isso, a China passou a importar uma parcela cada vez maior, chegando a 72% de consumo interno em 2019. Em 2015, tornou-se o maior importador mundial de petróleo, o que intensificou sua diplomacia energética (BARBOSA, 2021)

Gráfico 3 - As exportações de petróleo do Brasil e da Petrobras para a China (tbd).

Ano	Exportações globais do Brasil (mil barris/dia)	Exportações do Brasil para a China (mil barris/dia)	Participação da China no total (%)	Exportações globais da Petrobras (mil barris/dia)	Exportações da Petrobras para a China (mil barris/dia)	Participação da China no total da Petrobras (%)
2006	368	45	12	335	40	12
2007	421	42	10	353	53	15
2008	423	56	13	439	66	15
2009	526	74	14	478	85	18
2010	632	161	25	497	144	29
2011	605	141	23	467	129	28
2012	549	125	23	364	120	33
2013	518	113	22	302	95	31
2014	519	115	22	207	95	46
2015	257	107	42	119	49	41
2016	798	296	37	387	217	56
2017	997	381	38	428	218	51
2018	1123	624	56	512	297	58
2019	1172	739	63	536	379	71

Fonte: Elaboração própria com base em Barbosa, 2020, n. 24, p. 5.

Com o gráfico acima, podemos analisar que dados de exportação de petróleo do Brasil e da Petrobras para a China demonstram uma tendência crescente nas exportações ao longo dos anos. A partir de 2006, as exportações totais do Brasil e da Petrobras para a China aumentaram significativamente, refletindo o crescente papel da China como um importante mercado para o petróleo brasileiro. Em 2016, a Petrobras atingiu sua maior participação nas exportações para a China, indicando uma forte parceria com o mercado chinês. No entanto, há uma oscilação nas exportações, com um declínio em 2013, que destaca também uma vulnerabilidade do Brasil a flutuações no mercado global.

4.5 JBS

A JBS é uma das maiores empresas de processamento de carnes do mundo, com uma história que remonta desde 1953, quando foi fundada em Anápolis, Goiás. Desde então, a empresa cresceu de forma impressionante, diversificando suas operações cada vez mais, e se estabelecendo como uma força poderosa no comércio internacional. Em 2013, a JBS S.A. consolidou sua posição como a maior empresa de alimentos do mundo, especializada no processamento de proteínas animais, incluindo carne bovina, suína, cordeiro e frango.

Além disso, a empresa também buscou diversificar suas atividades em áreas como higiene e limpeza, biodiesel, colágeno e transporte, com mais de 300 mil clientes em 150 países e mais de 185 mil funcionários em 22 países. Com sede no Brasil, suas operações são divididas em três grandes unidades: JBS Mercosul, que cobre o Brasil e países da América do Sul; JBS USA, com atuação na América do Norte e Austrália; e JBS Foods, focada na produção de aves e suínos. Financeiramente, a JBS fatura R\$92,9 bilhões, sendo 27% provenientes de exportações internacionais (JBS, 2013).

A JBS também desempenha um papel crucial no desenvolvimento das comunidades onde opera. Com milhares de funcionários, a empresa não apenas oferece empregos, mas também investe em iniciativas sociais que beneficiam as comunidades locais. Isso demonstra seu compromisso não apenas com os resultados financeiros, mas também com o bem-estar das pessoas e do planeta. A contínua inovação e adaptação às demandas do mercado global garantem que a JBS permaneça relevante e competitiva.

Tendo isto posto, a relação entre a JBS e a China é marcada por uma parceria de muita cooperação e desenvolvimento econômico para ambos os países. O Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil (MAPA) anunciou que emitiu 38 licenças para exportar carne para a China. Inclui oito aviários⁷, 24 estábulos⁸, uma estação de aquecimento de gado e cinco armazéns. Este evento histórico nas relações comerciais do Brasil com a China incluiu uma inspeção pessoal e visual com a participação de uma delegação técnica chinesa e representantes do MAP. Nos últimos anos, a China encerrou medidas antidumping que variavam de 17,8% a 34,2% impostas à carne de frango brasileira desde 2019. No final de fevereiro, o imposto tornou as exportações brasileiras de frango mais competitivas e aumentou as oportunidades para os produtores brasileiros no mercado chinês. Esses princípios refletem o compromisso com a qualidade e segurança da agricultura brasileira de Carlos Golaret, Ministro de Segurança Agrária, e Roberto Perosa, Ministro do Comércio e Relações Internacionais do Mapa, que elogiaram o trabalho conjunto entre os ministérios (Ministério da Economia, 2020).

Em 2023, a China consolidou-se ainda mais como o principal destino para as exportações brasileiras de carne (bovina, suína e de frango), destacando-se como um parceiro estratégico para o setor agropecuário nacional. Com um volume total de 8,8 milhões de toneladas, gerando mais de US\$23,5 bilhões. Após, a China encerrar a diligência antidumping conforme citado acima sobre corpo de frango brasileira, uma sobretaxa que

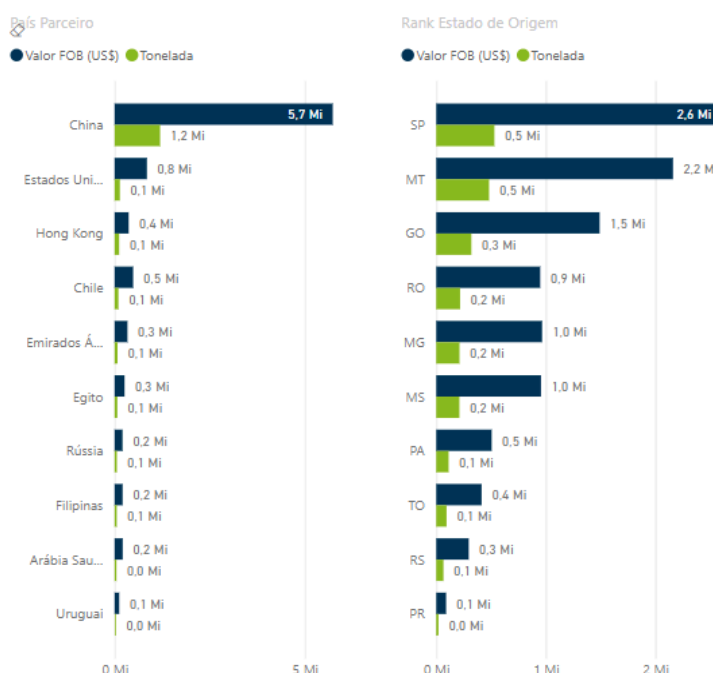
⁷ Aviários são instalações dedicadas à criação de aves.

⁸ Os estábulos são instalações voltadas para o alojamento e manejo de animais de grande porte, como bovinos

vigorava desde 2019 e variava entre 17,8% e 34,2% (Ministério da Economia, 2020). Com o intuito dessa contribuição em fevereiro, as exportações brasileiras de frango ganharam ainda mais competitividade, fortalecendo as oportunidades para produtores brasileiros no comércio chinês.

Essas habilitações refletem o obrigação com a espécie e a segurança da agropecuária brasileira, concordante saliente por Carlos Goulart, secretário de Defesa Agropecuária, e Roberto Perosa, secretário de Comércio e Relações Internacionais do Mapa, quão elogiaram o trabalho vizinho do mister e do Itamaraty nas negociações. Até março de 2023, o Brasil contava com 106 plantas habilitadas para saída à China, incluindo instalações de aves, bovinos e suínos.

Gráfico 4 - Exportação de carne bovina do Brasil em 2023

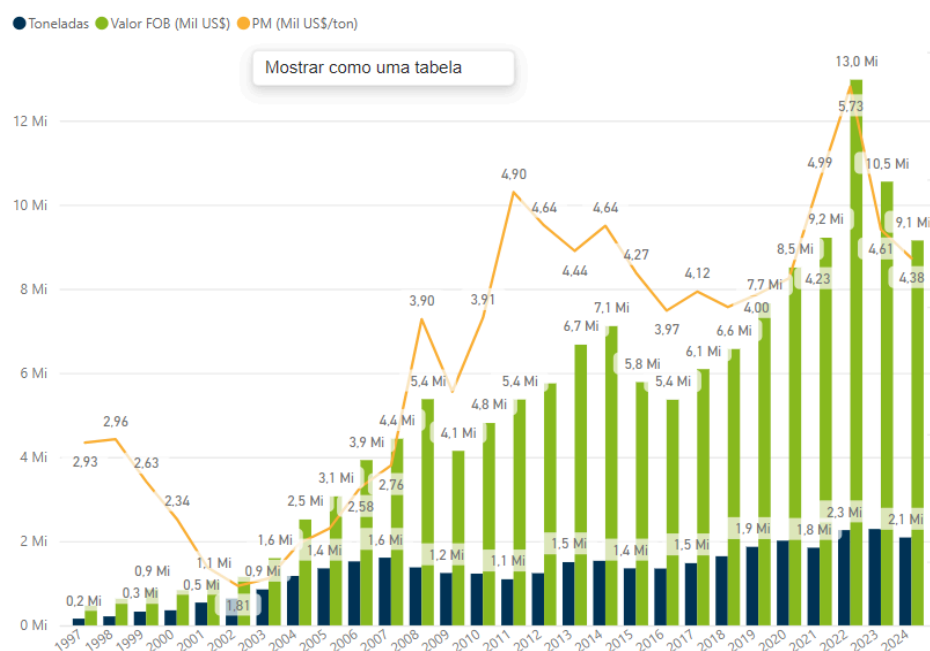


Fonte: Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC). Disponível em:

<https://www.abiec.com.br/estatisticas>. Acesso em: 30 out. 2024

Gráfico 5- Série histórica das exportações de carne bovina do Brasil

Série histórica das exportações de carne bovina

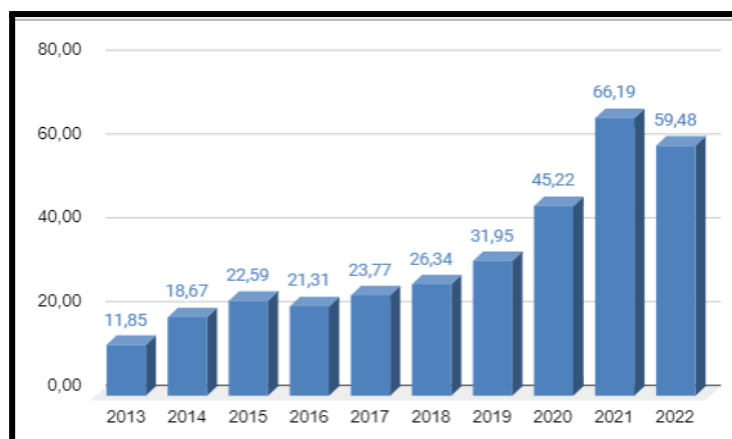


Fonte: Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC).

Disponível em: <https://www.abiec.com.br/estatisticas>. Acesso em: 30 out. 2024

Os gráficos 4 e 5 apenas reafirmam a hipótese de que o principal destino das exportações de carne principalmente de gado do Brasil são direcionadas à China. No gráfico 4 demonstra que a China é disparadamente o maior importador de carne brasileira. Já o gráfico 5 demonstra um quadro histórico das exportações brasileiras de carne bovina, mostrando três variáveis principais: exportações em toneladas, valor FOB (free on board) em dólares milhões e média por tonelada (PM), e também em dólares. Nos últimos anos, as exportações aumentaram significativamente, especialmente a partir de 2010, refletindo a crescente demanda mundial pela carne brasileira. Em termos de preços FOB, houve oscilações, mas o preço global apresenta uma tendência ascendente, com um pico forte, houve flutuações ao longo do tempo, mas o valor total acompanha a tendência de crescimento, com alguns picos significativos, indicando variações na receita gerada. O preço médio por tonelada também oscila, refletindo mudanças nas condições de mercado e na disponibilidade internacional da carne brasileira. Em 2023, as exportações atingiram patamar elevado, mostrando a importância do Brasil no setor pecuário.

Gráfico 6 - Lucro Bruto da JBS no mundo de 2013 a 2022 (em bilhões de reais)



Fonte: Elaboração própria (Statista, 2024)

Tendo como pressuposto as informações citadas acima, o gráfico 6 demonstra que a parceira chinesa foi de suma importância para o crescimento e aumento do lucro da JBS. A comparação das margens globais da JBS entre 2013 e 2022 demonstram um crescimento significativo e algumas mudanças. Em 2013, o lucro bruto foi de 11,85 bilhões de reais, e em 2019 atingiu 31,95 bilhões de reais. Este crescimento se deve à expansão da empresa e ao aumento da demanda por carne bovina, principalmente no mercado emergente chinês, que é um dos principais fatores.

Em 2020 e 2021, o lucro bruto da JBS aumentou significativamente, atingindo 45,22 bilhões de reais em 2020 e 66,19 bilhões de reais em 2021. Houve uma enorme demanda por alimentos processados e proteínas animais afetadas pela epidemia. No entanto, o lucro bruto caiu para 59,48 bilhões de reais em 2022, o que pode refletir problemas nos mercados globais, como o aumento da inflação e as flutuações cambiais.

Portanto, o gráfico 6 demonstra tanto os pontos fortes da JBS nos mercados globais quanto suas fraquezas em relação a fatores externos que afetam diretamente o seu desempenho financeiro.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A internacionalização das empresas brasileiras em países emergentes, especialmente no mercado chinês trouxe uma série de benefícios, tanto para as empresas quanto para as nações envolvidas nesse processo conforme foi demonstrado nos gráficos analisados. Ao expandirem suas operações além das fronteiras do Brasil, as empresas Vale, Petrobras e JBS não apenas conseguiram aumentar suas receitas, mas também fortaleceram a presença do Brasil no comércio global, diversificando seus mercados e se adaptando a novas realidades.

Um dos principais ganhos da internacionalização que as três empresas obtiveram foi o acesso a novos mercados. A China é um dos maiores consumidores de energia do mundo o que representou uma enorme oportunidade para a Petrobras. A procura de recursos de petróleo e gás para satisfazer as crescentes necessidades energéticas da China resultou em acordos e parcerias que garantiram o crescimento das operações da Petrobras, isso resultou em um aumento significativo da receita da empresa, além de ter contribuído de forma ativa para a economia brasileira. Além disso, a entrada no mercado chinês permite à Petrobras reduzir sua dependência de mercados tradicionais como os Estados Unidos e a Europa, além de diversificar suas fontes de renda e reduzir os riscos associados a flutuações de preços e crises econômicas.

Em relação à Vale, nota-se que a China é o maior comprador mundial de metais preciosos, especialmente minério de ferro e níquel, o que proporciona um forte mercado de exportação para a Vale. Deste modo, a Vale firma parceria com empresas chinesas para aumentar a capacidade de produção e manutenção. Este fator permite à empresa expandir sua cadeia de fornecimento e aumentar nossa capacidade de transporte e distribuição. A operação em um mercado grande como o chinês proporciona à Vale vantagens de escala, resultando em custos mais baixos de produção e transporte. Isso é essencial para manter a competitividade em um mercado global.

Já para a JBS, a China é um dos maiores mercados de carne do mundo, e a procura de proteínas está a aumentar devido ao crescimento da classe média e às mudanças no setor alimentar. Aproveitamento da demanda crescente, a integração chinesa permitiu que JBS tivesse a oportunidade de trabalhar de diversas formas e reduzir a dependência interna ou do negócio tradicional. Ao entrar no mercado chinês, a mesma pode reduzir o risco de mudanças econômicas e políticas de outros mercados, o que mais uma vez garante estabilidade e eficiência financeira para a empresa.

Em suma, a internacionalização das empresas brasileiras no mercado emergente chinês resultou em várias vantagens significativas, como acesso a novos mercados, diversificação das operações e do portfólio, transferência de tecnologia, melhoria da imagem corporativa, geração de novos empregos para a população devido a crescente demanda chinesa e ampliação das operações das empresas brasileiras e contribuição para a balança comercial. Esses fatos, agregados, reforçam a importância da China como um país em grande crescimento econômico relevante no cenário global, e ressaltam a constante necessidade de continuar investindo em parcerias estratégicas e inovação para garantir um crescimento sustentável e competitivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo era analisar o processo de internacionalização das empresas brasileiras no mercado chinês no período de 2009 a 2023 e destacar os benefícios e impactos dessa expansão. A principal questão de investigação visava compreender como a entrada neste mercado pode facilitar o acesso a novos utilizadores, diversificar funções e produtos, bem como reduzir os riscos económicos locais. O Objetivo desenvolvido mostra que a internacionalização de empresas brasileiras pode, sim, trazer benefícios significativos para as empresas brasileiras que decidem expandir suas operações para a China, especialmente em termos de acesso a mercados em rápido crescimento. Após a análise, essas questões puderam ser respondidas e pode-se demonstrar que o processo internacionalização oferece oportunidades importantes para as empresas brasileiras. A hipótese subjacente ao trabalho também é confirmada, indicando que esta expansão não só permite o acesso a novos mercados consumidores, como também contribui para aumentar a base de clientes e explorar novas oportunidades de crescimento, confirmando assim a importância da internacionalização na situação atual.

A internacionalização das empresas brasileiras Vale, Petrobras e JBS, representam um passo fundamental para expandir a economia brasileira e inserir o país em um mundo ainda mais globalizado que está sempre em mudança. Além de demonstrarem como o Brasil consegue se adaptar e prosperar em mercados emergentes. Essas empresas não apenas aproveitam a crescente demanda por seus produtos e serviços, mas também ajudam a construir uma economia ainda mais diversificada, forte e resiliente.

Os dados analisados acima, revelam que a China, com sua expressiva participação no PIB global e no comércio internacional, oferece um ambiente totalmente propício para a cooperação econômica. Com isso, as empresas brasileiras se aproveitaram dessa interação, utilizando suas vantagens competitivas, como a abundância de recursos naturais, uma força de trabalho ampla e competitiva e inovações tecnológicas em constante avanço, para se expandirem e se estabelecerem em mercados importantes.

Em relação às estratégias utilizadas, a Petrobras buscou utilizar de parcerias e *Joint Ventures* para estabelecer alianças estratégicas com empresas locais e estrangeiras para compartilhar recursos e conhecimento técnico. Essa Joint Venture foi fundamental para acessar o complexo ambiente regulatório chinês, e melhorar o acesso a novos mercados.

A JBS focou na adaptação do seu portfólio, algo fundamental para atuar em um mercado extremamente competitivo, além de diversificar suas marcas para atender as

demandas e exigências chinesas. E, por sua vez, a Vale optou pelo estabelecimento de acordos comerciais de longo prazo, para firmarem ainda mais a parceria existente.

Deste modo, essas estratégias não apenas fortalecem a presença dessas empresas no cenário global, mas também geram empregos, estimulam o desenvolvimento regional e contribuem para a construção de uma identidade econômica mais sólida e sustentável. Além disso, a internacionalização permite que essas empresas diversifiquem suas fontes de receita, reduzindo a dependência do mercado interno e enfrentando as oscilações da economia mundial. Ao investir em tecnologia, práticas sustentáveis e responsabilidade social, elas garantem sua relevância para o futuro e moldam o comércio internacional de forma positiva, criando laços comerciais que vão muito além das fronteiras nacionais.

Podemos concluir que, a experiência das empresas brasileiras no contexto destaca não só a importância da internacionalização como uma estratégia de crescimento, mas também o papel ativo do Brasil na busca por uma ordem econômica mais equilibrada e multipolar mediante cooperação sul-sul com países emergente, em especial dos BRICS do qual é membro fundador. A trajetória dessas empresas reflete a resiliência e a inovação do Brasil, características estas, fundamentais para enfrentar os desafios globais e assegurar um futuro próspero.

Para trabalhos futuros podemos esperar que essa expansão se amplie cada vez mais, com as relações diplomáticas entre o Brasil e China se ampliando e fortalecendo através da cooperação internacional. O que consequentemente irá ampliar o processo de internacionalização para que as demais empresas, consigam internacionalizar suas operações assim como as empresas descritas acima, conseguiram.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Maria Manuela. **A Cooperação para o Desenvolvimento e as Suas Motivações**. In: Boletim de Ciências Econômicas, n. 2, p. 1-13, 2000.

Agência Brasil. (2018). **Petrobras e chinesa CNPC avançam em acordo para retomar Comperj**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-10/petrobras-e-chinesa-cnpc-avancam-em-acordo-para-retomar-comperj>. Acesso em: 28 out. 2024.

Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes. Exportação de carne bovina do Brasil para a China (2023). Disponível em: <https://www.abiec.com.br/exportacoes/>. Acesso em: 30 out. 2024.

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA. Principais resultados. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/pg_principal_bc/principais_resultados.html. Acesso em: 27 ago. 2024.

BARBOSA, Pedro Henrique Batista. Gráfico [título do gráfico]. In: **Petrobras-China Relations: Trade, Investments, Infrastructure Projects and Loans.** Revista Tempo do Mundo, n. 24, dez. 2020.

Barreto, F. M., Sauvant, K. P., Valente, M. M., Munhoz, M. S., Mello, M., Antunes, P., Resende, P., T., Ricupero, R., Cretoiu, S. L., & Pinheiro, T. J. (Orgs.). (© 2007). **Internacionalização de Empresas Brasileiras: Perspectivas e Riscos.** Elsevier Editora Ltda.

DALLA COSTA, Armando; PESSALI, Huáscar Fialho. **A trajetória de internacionalização da Petrobras na indústria de petróleo e derivados.** História econômica & história de empresas, v. XII, n. 1, p. 5-31, 2009.

DALLA COSTA, Armando. **A Vale no novo contexto da internacionalização das empresas brasileiras.** Revista Entreprises et Histoire, Paris: Editions Eska, n. 54, abril 2009, p. 86-106.

FAZ COMEX. **Maiores exportadores do mundo.** Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/maiores-exportadores-do-mundo/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FIGUEIREDO, Nayara. **A Vale aprova uma joint venture para o porto na China.** Reuters, 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com>. Acesso em: 24 out. 2024.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. **Brasil e China: parcerias estratégicas no século XXI.** Brasília: FUNAG, 2016.

GOV.BR. "**História do BRICS.**" Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 05 out. 2024.

HURRELL, Andrew; SOARES DE LIMA, Maria Regina; HIRST, Monica; MACTARLANE, Neil; KALIK, Amrita; FOOT, Rosemary. **Os BRICS e a ordem global**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 168 p. (Coleção FGV de Bolsas, série Expandindo o Mundo). ISBN 978-85-225-7184-4.

JBS. Disponível em: <https://jbs.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2024.

JBS S.A. **Relatório Anual e de Sustentabilidade 2013**. São Paulo: JBS, 2013. Disponível em: https://jbs.com.br/wp-content/uploads/2023/10/relatorio_anual_e_de_sustentabilidade_2013.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

MENDES DE PAULA, G. **Estratégias corporativas e de internacionalização de grandes empresas na América Latina**. Santiago de Chile: Red de Reestructuración y Competitividad, Unidad de Desarrollo Industrial y Tecnológico, División de Desarrollo Productivo e Empresarial, 2003.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Como exportar para a China**. Brasília: Ministério da Economia, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/invest-export-brasil/exportar/conheca-os-mercados/como_exportar_privado/como-exportar.pdf/BaseguiaCOMOEXPORTARCHINA.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasil e China: 40 anos de relações diplomáticas**. Brasília: FUNAG, 2016.

PETROBRAS. **Novas fronteiras**. Disponível em: https://petrobras.com.br/quem-somos/novas-fronteiras?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwyL24BhCtARIsALo0fSDZ6WvZAESvWoaWSSoz6IaxhCtE9PFFz80GUkE_wfGoRCX9AZt1uVgaApmdEALw_wcB. Acesso em: 15 out. 2024.

ENA, João Victor Silva; WEISS, Claudete Rejane. **A China é a maior compradora de**

minério de ferro da Vale S.A.? N. 10, dez. 2021, p. 32-49.

STATISTA. Gross domestic product (GDP) growth rate in the BRIC countries from 2000 to 2029. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/741729/gross-domestic-product-gdp-growth-rate-in-the-bric-countries/>. Acesso em: 14 out. 2024.

STATISTA. Taxa de crescimento do PIB nos países do BRICS de 2000 a 2028. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/741729/gross-domestic-product-gdp-growth-rate-in-the-bric-countries/>. Acesso em: 14 out. 2024.

STATISTA. (n.d.). Net income of Petrobras from 2008 to 2023 (in billion U.S. dollars). Statista. Retrieved October 17, 2024, from <https://www.statista.com/statistics/279720/net-income-of-petrobras/>.

STATISTA. (n.d.). Net revenue of Embraer from 2005 to 2022 (in million U.S. dollars). Statista. Retrieved October 17, 2024, from <https://www.statista.com/statistics/269936/net-revenue-of-embraer-since-2005/>.

Teixeira, C. H., Carvalho, D. E., & Feldmann, P. R. (2010). **A internacionalização da JBS e uma discussão sobre o diamante de Porter.** Future Studies Research Journal, 2(1), 175-194. Disponível em: <https://www.futurostudiesjournal.com>

THORSTENSEN, Vera; OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado (Orgs.). **Os BRICS na OMC: políticas comerciais comparadas de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2013.**

TOMAZINI, Rosana Corrêa. **Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Cooperação Sul-Sul: uma análise comparativa de seus princípios e desafios de gestão.** Carta Internacional, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 28-48, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21530/ci.v12n1.2017.632>. Acesso em: [data de acesso].

United Nations Conference on Trade and Development. **BRICS Investment Report.**

Genebra: UNCTAD, 2023. Disponível em: <https://unctad.org/publication/brics-investment-report>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNITED NATIONS. **Monterrey Consensus on Financing for Development**. [S.l.]: United Nations, 2002. Disponível em: <https://www.un.org/esa/ffd/monterrey/>. Acesso em: 15 out. 2024.

VALE S.A. Vale: **há 80 anos transformando o futuro**. Disponível em: <https://vale.com/pt/vale-ha-80-anos-transformando-o-futuro>. Acesso em: 15 out. 2024.

VALE S.A. Vale: O que fazemos - **China**. Disponível em: <https://vale.com/pt/china>

VITALE, D.KRAYCHETE, E. S. (Eds.). **O Brasil e a cooperação Sul-Sul: dilemas e desafios na América do Sul** / Brazil and South-South Cooperation: dilemmas and challenges in South America. 2. ed. Salvador: Edufba, 2016. ISBN 978-85-232-1543-9.